

A morte do Paciente, a vida do Doutor

Levantou os olhos do ecrã. O paciente está morto, Dr. Ramon, disse-lhe a enfermeira, num tom tão emotivo quanto uma parede é capaz de transmitir ao refletir um pouco de luz no reboco, Qual deles, O da cama 21, o sr. Edmundo. Todo o discurso foi automático, sem ser pensado, apenas transmitido, mais valia ter sido o ecrã luminoso à frente dos óculos do doutor a dizê-lo, teria ele escusado de perguntar quem era, viria logo a informação com ele, e era menos um salário a ser pago, menos espaço ocupado naquele já grande e ocupado hospital, não eram estas conveniências estudadas pelas cadeiras da administração, caso contrário já se teria corrido com esta e outras iguais, endurecidas pelos anos de morte alheia e sofrimento observado.

Voltou ao seu trabalho. Percorrendo as linhas nas quais ele teria de reportar as consultas do dia anterior, pormenorizar os diagnósticos e rever os casos, para futuro arquivo, os olhos por detrás dos óculos finos deixaram-se regalar com a tarefa rotineira e metódica, dando alguns minutos para pensar o infeliz acontecimento, assentar no consciente do médico.

O paciente está morto.

Agora vai compreendendo todas as implicações que a morte do paciente da cama 21 trariam, as acusações infundadas dos familiares, a autópsia implorada, outro colega abrir o corpo, agora só se viria a confirmar o que já se sabia, o corpo estava minado de cancro, começara no cólon e alastrara-se para o fígado e posteriormente para os pulmões, pouco houvera a fazer senão diminuir-lhe o sofrimento, tarefa difícil e invariavelmente fútil; o funeral, seria mais chorado pela filha de agora 20 anos, estava para fazer 18 quando recebeu a notícia da condição do pai, resultado da negligência de um outro doutor, no fim as acusações não eram infundadas, só eram mal dirigidas, seta que ricocheteou nas paredes da vida e foi parar ao que tentou salvar, não ao que matou, não era caso incomum mas sempre vergonhoso, desacredita todo o processo académico, seis anos para nada, charlatões bastante caros de fazer e de se comprar, vendendo *alcachofra H-6, o novo método empírico de destruição das células malignas*, mais parece um anúncio da rádio, quais locutores da estação do IPO; e um novo paciente da cama 21, outro corpo para deixar de estar vivo depois de muito sofrimento.

Nada que o abalasse. Não conseguia relacionar a dor que os seus pacientes sentiam com qualquer manifestação química que o seu cérebro poderia produzir, nem havia motivo para tal, de qualquer maneira, todos eles invariavelmente morriam, e todo

ele invariavelmente vivia, eles eram *rebanho paciente que se reunia como reses aturdidadas à porta de um açougue*, e ele era homem, não eram o mesmo, por isso seria, na sua conceção da existência humana, contraintuitivo, até autodestrutivo, identificar qualquer dos seus sentimentos nos seus doentes, ou nos familiares dos mesmos, pobres almas que penitenciam já na Terra o que terão de arrastar pela montanha até à Orbe Celeste, porque os castigos terrenos de nada servem aos espirituais, engano feito por aqueles que nos querem mandar Cá, fingem que vale por Lá, trocam-nos lebre por gato e ficamos a pagar duas vezes a mesma fatura, falta-nos a forma de nos queixarmos ao distribuidor, como fazemos com a luz ou o gás, tais comodidades banais, admira-nos a incapacidade de abordar temas mais fortes, mais eternos.

Escreveu o seu nome. Álvaro Ramon, lembrando-se da boa escola de medicina, de onde decerto não era possível saírem maus médicos, que escândalo seria esse, tanta história e tão bons os professores, quer os que falavam e palestravam como aqueles que ensinavam em primeira mão os efeitos das enfermidades, pacientes santos a sofrerem de doenças pecaminosas, tivesse o sr. Edmundo ido logo lá e teria sido salvo, não teria havido necessidade de ir parar à cama 21 e ao caixão, pago apenas a metade por causa das carteiras rasas da família e compreensão da funerária, afinal há pessoas solidárias neste Portugal, que passados três dias descia à campa 274 do cemitério dos Prazeres, três dias para evitar que se erguesse da campa conforme as escrituras, não valeria a pena a um corpo tão maltratado, não se aguentaria mesmo por divina vontade, e depois lá se ia o nosso Messias, nos Prazeres para que ele os tenha em morte, já que não os teve em vida.

A. Ramon levantou-se da cadeira. Lembrara-se do tempo em que era esse o nome que aparecia na chapa de identificação a quem o quisesse ler, estava no segundo ano de estágio nos corredores do Santa Maria, lá ia para a frente e para trás, tratava dos doentes com cuidados e atenção carinhosos, agora só lhe falta o carinho, parece estátua de mármore grega, fria e acima dos dramas mortais, pedia ajuda às enfermeiras que, também mais carinhosas do que aquela parede com bata e boca, sensível apenas o suficiente para, de vez em quando, ver o pulso do doente, não vá ele morrer e nós não sabermos, e mesmo isso já essa perde o jeito, verificassem a medicação prescrita, no fim das contas elas tinham já mais décadas do que Ramon semestres, é sempre bom poder contar com a ajuda de quem sabe. Fora aí que ouvira pela primeira vez a fatidicamente fatal frase.

O paciente morreu, A. Ramon.

Aí, parara o que estava a fazer no momento, e fora a correr pelo átrio branco até ao quarto que, não indicado era sabido, verificar a notícia, acreditar que não passava de um engano, talvez uma sonda mal posta que deixara de transmitir para a máquina a vida que o paciente tinha. Não teve sorte, não era erro da máquina nem da humana, era erro do coração de Armando, tinha já 83 anos e sofrera com o terceiro enfarte, era uma questão de tempo até o inevitável acontecer, ele estivera preparado, tinha feito pazes com o Mundo, a fim de se poder dedicar à guerra com o que não é dos vivos, a Morte.

Todos o viram assim. Todos, menos o jovem estudante, A. Ramon não compreendeu, achou erro seu e endureceu, como o pão fresco se deixa enrijar com o ar, secura inóspita, deixámos este doutor sem resguardo, sem caixa do pão, e agora está duro que nem uma pedra, qual pão. Mais morreram, mortes todas inevitáveis, fruto podre da árvore de Adão, não o tivesse ele comido não estaríamos a sofrer destes desgostos, mas também não saberíamos o que é a roupa, nem colares, nem carros, e nunca poderíamos ter este Estado de Arte que é o capitalismo, força vital que nos enche as veias da civilização com toda a necessidade e excedente produtivo, ou assim pensa o nosso médico, Marx discordaria veramente, talvez nós também se pudéssemos intervir nestes pensamentos. Mais viveram, mas não é por isso que o nosso coração volta a amolecer, não, tirá-lo do seco não basta, tem de se molhar também e a Ramon ainda não lhe apareceu a água benta que o haverá de curar dessa petrificação torácica.

Saiu do banho. Tinham passado 4 horas entre a morte do paciente da cama 21 e a chegada a casa, mais 28 minutos desde a fechadura da porta ceder à sua chave perfeitamente moldada para ela, oxalá fôssemos todos assim tão especializados, parece que só nós é que não temos fechadura certa, não passamos a porta que ela nos abria, ficamos trancados do lado de fora desse Paraíso na Terra, e o correr vivo da água através das veias do prédio, cobrindo o corpo de Ramon.

Vida para apagar a Morte. Pena esta vida não passar da pele, falta-lhe a força e vontade para atravessar a alma do doutor, e a este falta-lhe a força e a vontade de a aceitar, existe a recusa constante da humanidade com a qual nasceu e foi educado, sorte a dele que muitos de nós não o fomos, e ele sabe muito bem, não foram poucos os casos que ele já tratou de violência a menores e entre casais, quer homens quer mulheres, este tipo de tratamento só escapa àqueles que não têm ninguém com mais força, ou mais engenho, afinal isto do Conhecimento tinha mais do que aparentava, não era só o sumo doce da pêra, e não maçã como o povo acredita, que escorreu ao Eva dar a primeira dentada.

Tinha poder sobre ele mesmo. No fundo, era isso que as outras pessoas ansiavam mais, sofriam do mal da sociedade, estavam dependentes dos outros e dos seus humores, parecem fios numa intrincada teia de dissabores correntes e felicidades extremas, oscilantes como uma onda no mar eterno, restabelecido pelo Rio do tempo, ainda estavam nos riachos pequenos que saltam de pedra em pedra, animados e primitivos. Ele era mais velho, já caminhara para o vale, mas mesmo assim estava longe do estuário, lugar dos Deus, moradores da Ulisseia, quem tinha dito que eles moravam no Olimpo bem se enganou, como poderiam seres tão grandes, tão sábios, tão complacentes, viver num meio tão agitado, tão imaturo e alterável, só mesmo vindo de quem acha que o brilho do metal é melhor do que a transparência do vidro.

Já ele era só ele. Assim o acreditava, e assim o acreditou quando se deitou sozinho na cama que poderia dizer-se de casal, afinal homem prevenido vale por dois, merecem mais espaço, e quase se poderia dizer que merecem a designação, não fosse um casal pegamento a alguém, e tal junção um ato de condicionamento, suscetível a fracassos e a eventos fora de si, seria, no fundo, um *desprevenimento*, e lá se ia o cônjuge, ficava o nosso amado a sofrer por ter perdido o seu par, se o tivesse conseguido alguma vez ter, por ter consumado o ato que se precavera a não consumir, já se viu que não podia ser, é uma incongruência tão grande como afirmar que um cubo é anel, nem na topologia nem no plano, o primeiro é zero e o segundo é positivo, não há que enganar aí, aqui também não haverá.

Era livre quando se foi deitar.

Perguntemo-nos se será livre quando acordar; afinal, há pacientes que curam os seus médicos, estão cá para isso, enviados pelo Destino, Deus dos Deuses, decerto Deus de A. Ramon.